



NEWSLETTER

JANEIRO 2022



— INSTITUTO —

JURUÁ

CONFIRA AS NOVIDADES DE JANEIRO
DO INSTITUTO JURUÁ

CONTATO@INSTITUTOJURUA.ORG.BR



DOAR



NOTÍCIAS

Instituto Juruá realiza sua primeira expedição no Médio Juruá desde o início da pandemia

Por Bernardo Oliveira

A expedição teve como objetivo executar os projetos acumulados em dois anos de pandemia

Dois anos em dois meses. Esse foi o lema da expedição do Instituto Juruá pelo rio Juruá que começou em setembro e durou até meados de dezembro de 2021. Na verdade, foram quase quatro meses de trabalho em comunidades ribeirinhas na região do Médio Juruá, AM.

Pouco tempo depois da criação do instituto, em 2018, começou a pandemia de covid-19. Para evitar os riscos de contaminação por comunitários e pela equipe, o instituto suspendeu temporariamente os trabalhos de campo em comunidades. Com o avanço da vacinação, tornou-se possível a retomada das atividades em campo.

“Tínhamos muitos projetos aprovados, muitos recursos captados e atividades planejadas, que eram para acontecer assim que a pandemia acabasse ou melhorasse. Então aguardamos esse momento, que aconteceu em setembro de 2021, em que a nossa equipe e boa parte das comunidades já estavam vacinadas. Na verdade, foram quase 4 meses de trabalho, para executar projetos e atividades acumuladas durante dois anos. Por conta disso, houve uma grande equipe mobilizada e muitas atividades diferentes sendo realizadas durante essa expedição.”, relata Andressa Scabin, diretora executiva e coordenadora de projetos do Instituto Juruá.



Foto: Bernardo Oliveira

Entre as diversas atividades realizadas, destacamos algumas:

Uma das pesquisas científicas conduzidas durante a expedição foi baseada em entrevistas com comunidades ribeirinhas localizadas dentro e fora de áreas protegidas nos municípios de Carauari e Itamarati. Essa pesquisa busca entender algumas variáveis econômicas, sociais e psicológicas que fazem com que alguns arranjos de conservação de base comunitária funcionem e outros não.



Foto: Bernardo Oliveira

“São entrevistas bem densas, duram em média 30 minutos, abordando questões econômicas, de coesão social, qualidade de vida, e outros aspectos pessoais dos moradores das comunidades.”, revela Andressa. A maior parte da pesquisa foi realizada por jovens residentes das reservas Reserva Extrativista do Médio Juruá e Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari, que também participaram da expedição.

Outra das pesquisas executadas foi o mapeamento participativo do uso dos recursos naturais. A ideia deste trabalho é mapear, junto com os comunitários, as áreas onde está acontecendo o uso de recursos, em especial do extrativismo, mas também da agricultura. Extrativismo de sementes oleaginosas, açaí e látex. E a agricultura de roçados de mandioca e de sistemas agroflorestais.

Esse mapeamento faz parte de um diagnóstico dos serviços que as comunidades acabam fornecendo quando elas protegem o território, e fornecerá subsídios para o pagamento por serviços ambientais para as comunidades que vivem na região.



Foto: Bernardo Oliveira

“Os principais serviços ambientais que estamos analisando são os que envolvem o uso dos recursos do extrativismo e da agricultura em relação a alguns serviços ecossistêmicos como estoque de carbono, qualidade do solo, manutenção da biodiversidade”, complementa Andressa. “E faremos comparações desses serviços entre os diferentes usos da terra como roçados, capoeiras, sistemas agroflorestais e florestas”.

A equipe do Instituto Juruá ministrou também cursos durante a expedição. Um dos cursos realizado na comunidade do Xibauzinho foi o de contagem de pirarucu para mulheres, realizado em parceria com a ASMAMJ, para habilitar mulheres nessa etapa do manejo do pirarucu que até então era uma atividade majoritariamente masculina.

Foram realizados também, ambos na Casa Familiar da Floresta, localizado na base de Campina, na RDS Uacari, uma oficina de fotografia, que desenvolveu o olhar dos alunos à percepção artística, e um curso de campo, onde os alunos puderam experimentar alguns dias como pesquisadores, em aulas que foram desde a coleta de dados em campo, passando pela análise de dados em computadores e apresentação dos resultados das pesquisas em formato de um congresso científico.

Andressa destaca que essa foi a primeira expedição de campo realizada enquanto Instituto Juruá. “Pela primeira vez viajamos como um instituto, porque foi consolidado em 2018. Isso foi importante para as pessoas mudarem um pouco o olhar e verem que não somos mais pesquisadores independentes, mas que agora estamos organizados em uma associação que está lá para realizar um trabalho de longo prazo, não mais pesquisas pontuais.”

“Para mim foi incrível poder estar de volta no Juruá depois de tanto tempo e poder colocar em prática algumas coisas que a gente já tem planejado há anos. A expedição foi bem satisfatória, conseguimos atingir muitos dos objetivos que nos propomos no início. E esperamos que, daqui para frente, consigamos manter uma constância nos campos, para não precisar concentrar tanto as atividades”, completa Andressa.



Foto: Hugo Costa.

Oficina de ecojoias para mulheres é realizada no Médio Juruá

Por Raqueline Nery e Quilvilene Cunha

O manejo do Pirarucu já é realidade na região do Médio Juruá desde o ano de 2011, fruto do envolvimento, persistência e muita força de vontade dos comunitários, organizações de base e instituições parceiras. Ao longo do tempo, foi observado que as vísceras e escamas do pirarucu eram descartadas de forma aleatória na beira dos lagos, e que o aproveitamento desses materiais poderiam representar uma oportunidade de geração de renda para as famílias envolvidas na atividade.

Ao detectar este desperdício, a Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ) pensou em uma forma de gerar renda para as famílias e inseriu no programa da Natura "Nós da Floresta", a necessidade de uma capacitação em confecção de ecojoias com escamas de pirarucu. A oficina foi, então, realizada com o apoio da Natura e da ASPROC, durante os dias 27 a 29 de novembro de 2021 na comunidade do Toarí, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Uacari (AM), e teve como objetivo empoderar as mulheres do Médio Juruá, proporcionando mais uma alternativa de renda com a confecção de artesanato e ecojoia feita com escamas de pirarucu, no intuito de dar mais autonomia e garantir independência financeira para as mulheres do Médio Juruá.

Na oficina estavam representadas três comunidades da Reserva Extrativista Médio Juruá (Novo Horizonte, São Raimundo e Morada Nova), cinco comunidades da RDS Uacari (Bauana, Santo Antônio do Brito, Xibauá, Toari e Cachoeira), e três aldeias Indígenas (Kanamari, Matatibem e Aldeia Bauana). Além de uma representante do Fundo de Repartição de Benefícios do Médio Juruá, uma colaboradora da ASMAMJ e a consultora, totalizando 36 participantes.



O encontro foi ministrado pela consultora Rose Dias que é engenheira florestal, mestra em ciências florestais e ambientais, licenciatura em ciências biológicas, especialista em saúde e segurança no trabalho, desenvolvimento sustentável, designer e artesã, que há 30 anos desenvolve trabalhos de empreendimentos sustentáveis em comunidades tradicionais do Amazonas

Foto: Raqueline Nery

A oficina foi iniciada com o processo de seleção da escama do peixe. As escamas de pirarucu utilizadas no curso foram coletadas durante o manejo da comunidade São Raimundo, na RESEX Médio Juruá. Após a etapa de seleção, seguiu-se com as orientações para confecção de colares, pulseiras, brincos, entre outros produtos.

As técnicas de confecção da oficina são métodos naturais, com o tingimento feito com plantas da região, sementes e linha de tucum ou fibra de buriti e bananeira. Por esse motivo foi sugerido chamar pelo nome de “ecojoia”, considerando principalmente a sustentabilidade financeira por serem produtos coletados na floresta sem necessidade de compra na cidade. Essa coleta foi orientada dentro das boas práticas de manejo e uso racional dos recursos, garantindo a conservação da floresta.



Foto: Raqueline Nery

Portanto, temos hoje no Médio Juruá 35 mulheres multiplicadoras na produção de ecojoias com escamas de Pirarucu, e estão dispostas e entusiasmadas em dar continuidade nos aprendizados obtidos na capacitação, todas saíram com o compromisso de trabalhar na sua comunidade e nos seus pólos repassando os ensinamentos.

Olimpíadas da Floresta reúne jovens de 44 comunidades do Médio Juruá para momentos de integração por meio do esporte

Por Bernardo Oliveira

A união é um conceito muito valorizado entre as comunidades ribeirinhas do Médio Juruá. De uma forma geral, comunitários de diferentes famílias se reúnem para fazer farinha, construir casas, realizar o manejo do pirarucu. E foi a possibilidade de promover a união entre jovens ribeirinhos de diferentes locais que motivou a realização da segunda edição das Olimpíadas da Floresta, que reuniu cerca de 700 pessoas de 44 comunidades da região na comunidade Pupuaí, entre os dias 12 e 15 de novembro.

O evento foi um momento de integração e garantia dos direitos das crianças e adolescentes ribeirinhos da Amazônia, por meio do esporte e lazer. Os 400 jovens, entre 10 e 17 anos, foram divididos em 10 pólos, cujos nomes representavam produtos da sociobiodiversidade como farinha de mandioca, açaí, andiroba, mel de abelha ou espécies importantes da região como pirarucu e tambaqui. Cada polo incluía crianças de diferentes comunidades, que competiram em modalidades esportivas como tiro com arco, vôlei, futebol, lançamento de dardos e corrida



Foto: Bernardo Oliveira

As instituições organizadoras do evento foram a Fundação Amazônia Sustentável (FAS), a Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Amazonas (SEMA/DEMUC), o ICMBio, a Prefeitura de Carauari e as associações AMARU, AMECSA-RA e ASPROC. A realização fez parte das ações do programa DICARA, Programa de Desenvolvimento Integral das Crianças e Adolescentes Ribeirinhos da Amazônia, que promove melhorias na qualidade de vida de jovens da Amazônia por meio de atividades como as olimpíadas.

Enoque Ventura, Supervisor de projetos da Fundação Amazônia Sustentável (FAS) afirma que todos os envolvidos avaliaram o evento como uma possibilidade de garantir e fortalecer os direitos à cidadania das crianças e adolescentes. “Foram momentos prazerosos, ainda mais por ter acontecido em uma situação delicada, devido a pandemia. Além de tudo, nosso planejamento saiu sem nenhum contratempo. Tudo funcionou devido ao envolvimento das comunidades, que sempre acreditam em nossos trabalhos.”, conta.



Foto: Bernardo Oliveira

O evento representa uma conquista das organizações de base local, ele é fruto da organização comunitária dessas associações, além de ser um modelo de trabalho sustentável e apoio ao fortalecimento da biodiversidade da região. Foram muitas as falas de jovens ribeirinhos valorizando a luta pela proteção de seu território, pela conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Enoque espera um futuro ainda melhor para eventos do tipo na região. “Penso que a cada evento podemos aprimorar a organização e inovar em novas modalidades, sempre buscando o bem estar de todos os envolvidos, além de fortalecer a autonomia das crianças e adolescentes e promover a integração entre as comunidades ribeirinhas. Durante a premiação, fiquei emocionado com a comemoração do Pólo campeão”.

AAEPPRI realiza soltura de mais de 400.000 filhotes de quelônios no rio Juruá

Por Raqueline Nery e Quilvilene Cunha

A AAEPPRI (Associação Ambiental, Extrativistas, Pescadores E Produtores Rurais De Itamarati) realizou em novembro de 2021 a soltura de filhotes de quelônios que desovaram nas praias do rio Juruá. No tabuleiro de Walterburi, em Itamarati (AM), foram cerca de 400.000 filhotes, dentre tartarugas, tracajás e iaçás, que alcançaram as águas em segurança, graças ao monitoramento comunitário que impede a invasão da praia para caça e captura desses animais.

O trabalho de monitoramento das praias é contínuo ao longo de toda a estação seca, quando os quelônios desovam nas areias das praias do Juruá e a comunidade realiza a proteção dos ninhos, impedindo que sejam perturbados por invasores. Ao fim da temporada, um evento é realizado para toda a comunidade, convidados e parceiros. Na ocasião, foram reunidos mais de 30.000 filhotes para serem soltos no rio. Essa celebração que integra as comunidades, tem um caráter educativo para as crianças, que passam a enxergar desde cedo a importância da conservação para a continuidade do trabalho da associação e para a qualidade de vida de toda a comunidade.

Além do tabuleiro de Walterburi, o mesmo trabalho foi realizado em outras duas praias: São Francisco e Nova Olinda, totalizando mais de 700 mil filhotes soltos no rio em segurança. Este trabalho de proteção é realizado pela AAEPPRI e conta com o apoio do Instituto Juruá e Prefeitura de Itamarati.



Foto: Bernardo Oliveira

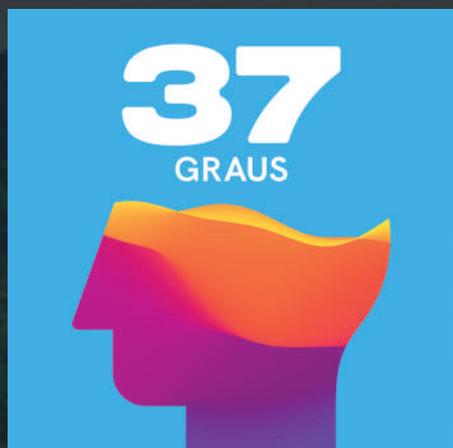


NEWSLETTER

JANEIRO 2022

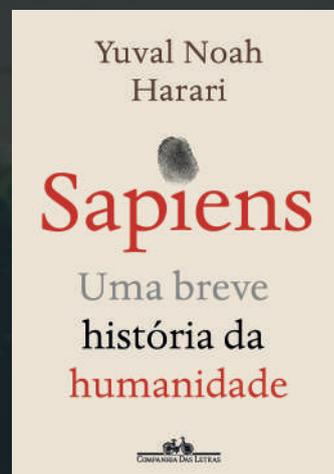
IJ INDICA

RODA VIVA - COM AS LIDERANÇAS INDÍGENAS TXAI SURUÍ E CACIQUE ALMIR SURUÍ.



37 GRAUS - PODCAST QUE ABORDA CIÊNCIA E HISTÓRIA DE FORMA DIVERTIDA E INTERESSANTE.

SAPIENS - UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE - LIVRO DE YUVAL HARARI SOBRE A HISTÓRIA DA HUMANIDADE.



Visite nosso site:

INSTITUOJURUA.ORG.BR

Equipe de comunicação do Instituto Juruá:
Clara Machado, Andressa Scabin e Nathalia Messina

Tradução:
Cláudia Vanalli, Daniela Souza, Mariana Dias e Monique Oestreicher

Diagramação:
Tuila Tachikawa e Talia Sabrine